

Trajetórias e vivências cotidianas em um bairro periférico: aproximações a partir de um estudo etnográfico

Izabel A. Guzzon, Camila S. Antunes e Alexandre M. Matiello



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2783>

DOI: 10.4000/pontourbe.2783

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Izabel A. Guzzon, Camila S. Antunes e Alexandre M. Matiello, « Trajetórias e vivências cotidianas em um bairro periférico: aproximações a partir de um estudo etnográfico », *Ponto Urbe* [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2783> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2783

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Trajetórias e vivências cotidianas em um bairro periférico: aproximações a partir de um estudo etnográfico

Izabel A. Guzzon, Camila S. Antunes and Alexandre M. Matiello

AUTHOR'S NOTE

A pesquisa se desenvolveu a partir de uma bolsa de iniciação científica, desenvolvida pela estudante de graduação Izabel A. Guzzon, com o recurso do Fundo de Apoio à Pesquisa da Unochapecó (PIBIC/FAPE).

Introdução

- 1 É comum no desenvolvimento dos centros urbanos que os processos de crescimento econômico sejam acompanhados pelo aparecimento de desigualdades socioespaciais. Em Chapecó-SC, cidade localizada no Oeste do estado, isto não é diferente. Em paralelo ao seu propagandeado status de cidade polo regional, identificam-se nos seus bairros centrais os grupos de alta renda, ao mesmo tempo em que ocorre a expansão das periferias, onde há concentração de pobreza e pouca aplicação de investimentos públicos. Além disso, nas áreas centrais, percebe-se a contínua presença de processos de revitalização dos espaços urbanos e especulação imobiliária, que em maior ou menor grau, ocasionam o afastamento das populações de baixa renda tanto para loteamentos precários quanto para assentamentos irregulares nas bordas da cidade, constituindo, o que se denomina periferias urbanas.
- 2 Olhando para os espaços periféricos de Chapecó, esta pesquisa optou por se concentrar no bairro Bom Pastor. Esta região foi ocupada inicialmente por antigos moradores de regiões próximas e mesmo do interior do município, e posteriormente continuou sendo o destino

de famílias de baixa renda, processo que se identifica claramente ainda nos dias atuais¹. A percepção deste espaço na cidade corrobora para a visão mais difundida acerca das periferias, que conforme Ávila (2006: 86) “é basicamente pejorativa, pautada pela violência, criminalidade e pobreza”.

- 3 É importante destacar em relação ao contexto histórico do surgimento das periferias em Chapecó, o crescimento industrial das décadas de 1940, com a instalação do primeiro frigorífico para o abate e industrialização de suínos, e a partir de 1960 a migração das pessoas que em sua maioria moravam no interior e vieram para cidade em busca de trabalho e renda nestes setores (ALBA 2002).
- 4 Como afirma Paim (2005), esse processo de desenvolvimento de Chapecó demandou mais estrutura para suportar a migração de pessoas. Com o crescimento populacional, aumentaram consideravelmente as demandas por moradia, saúde, alimentação, educação e saneamento básico:

Boa parte dessas demandas não preocupou os governantes municipais, que estavam focados em atrair o maior número possível de pessoas para mostrar, inclusive em nível nacional, que Chapecó crescia mais que qualquer cidade do país (PAIM 2005: 9).
- 5 Percebe-se, portanto, quanto o desenvolvimento econômico e demográfico da cidade foi acompanhado da diferenciação socioespacial, manifestando-se na falta de políticas adequadas para o acesso à terra urbanizada para a população de mais baixa renda.
- 6 Outro elemento marcante é a feição física da malha urbana, determinada em “tabuleiro de xadrez”, que acentuou a segregação no território. Conforme Alba (2002), a cidade foi projetada seguindo o modelo das cidades modernas do mundo ocidental, tendo sido concebida para ser higiênica, organizada, bonita e progressista². Desde o início da urbanização de Chapecó, as ruas de um modo geral foram organizadas de forma espaçosa, pensando no migrante e excluindo os moradores locais ancestrais (indígenas Kaingangs e Guaranis e caboclos)³.
- 7 Não raro, os processos de planejamento urbano e de planos diretores em Chapecó acentuaram através de seu caráter modernizador as situações de segregação, com instrumentos como o zoneamento funcional, que valorizam o uso do solo e não reconhecem a instalação dos pobres no território (MONTEIRO 2006; RECH 2008). De certa forma, é como se o processo de planejamento criasse a fronteira entre o que é legal e está nos planos e determinasse como ilegal tudo que está fora dele:

As contradições ficam ocultas para colocar “ordem” no traçado de ruas, avenidas, circulação, definição de lotes, mantendo sempre a propriedade da terra e das edificações. Os “pobres” devem ficar em lugares não visíveis para não atrapalhar a ordem prevista nos planos e metas (RODRIGUES 2008: 111).
- 8 O bairro Bom Pastor ilustra esta intencionalidade de “tornar invisíveis” as populações mais pobres que historicamente foram removidas compulsoriamente de outros locais da cidade para esta região pesquisada.
- 9 Mais recentemente, a reestruturação urbana, marcada pela forte atuação do capital imobiliário e a diversificação de atividades que atraem públicos mais especializados à cidade, complexificam a compreensão da realidade urbana em Chapecó, o que se reflete nos processos de periferização (MATIELLO *et al* 2013).
- 10 Procurando analisar estes processos, este artigo apresentará um estudo etnográfico realizado no bairro Bom Pastor, especificamente na Vila Betinho⁴, a partir da perspectiva dos seus moradores, considerando os relatos de suas experiências, costumes, usos e

percepções em relação ao espaço em que vivem e à cidade. Nesta perspectiva, compartilhamos das proposições de Certeau (1994) cujo enfoque analítico está nas práticas urbanas. Este autor considera que “as práticas do espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social” (CERTEAU 1994: 175).

- 11 Procuramos dar destaque às fronteiras e limites sociais/simbólicos dos sujeitos envolvidos, com ênfase em sua trajetória de vida, caminhos percorridos e alianças criadas, trazendo como contraponto a isto, a imagem social “fabricada” pela sociedade a partir do discurso midiático a respeito do bairro⁵. Neste sentido, considerando as práticas urbanas (CERTEAU 1994; AGIER 2011) daqueles que habitam a cidade, suas memórias e discursos, a proposta é construir um texto com eles, com suas histórias, com suas experiências, enfim, com seu cotidiano. Para efetivar esta estratégia, acionamos algumas falas dos sujeitos. Estas, no decorrer do texto, são vozes elucidativas, obviamente orquestradas por nós, mas que carregam em si mesmas, significados e reflexões muito pertinentes.

Trajetórias e vivências cotidianas no bairro Bom Pastor

- 12 O método utilizado neste trabalho consistiu na etnografia urbana, que para Magnani (2002) deve focar nas formas de participação do indivíduo na cidade. Este autor desenvolve uma metodologia “de passagem”, a qual consiste em percorrer a cidade observando espaços, personagens, conflitos, imagens. O “caminhar metodológico” permitiria ao antropólogo realizar um olhar de perto e de dentro, a partir da observação dos atores sociais e suas práticas articuladas com a paisagem, equipamentos e instituições urbanas como constitutivas dessas práticas. Em artigo posterior, o mesmo autor, baseando-se na contribuição de demais autores, orienta sobre o olhar necessário na etnografia:

Para captar essa dinâmica, contudo, é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido. Em suma, se o “olhar de perto e de dentro” permite captar sutilezas e distinções (Geertz 1978: 35) por meio das diferentes formas de experiências etnográficas, é preciso que um olhar mais distanciado, ao longo da prática etnográfica, complemente a análise, de modo que aqueles “conhecimentos descontínuos” de que falava Lévi-Strauss, que ainda não formam um todo, possam prender-se “a um conjunto orgânico”, adquirindo “um sentido que lhes faltava anteriormente” (Lévi-Strauss 1991: 415-416)” (MAGNANI 2009: 153).

- 13 Reforçando a importância de olhar as práticas dos moradores no contexto urbano nas pesquisas etnográficas, Agier (2011) comenta:

É essa abordagem que defendo aqui, partindo de duas operações de ordem epistemológica necessárias a uma antropologia da cidade, considerada como aplicação de uma antropologia social e simbólica dos espaços contemporâneos: primeiro, deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos – e assim, parafraseando Clifford Geertz quando fala de cultura, ver a cidade como vive, olhando-a “por cima do ombro” dos cidadãos; em segundo lugar deslocar a própria problemática do objeto para o sujeito, da questão sobre o que é a cidade – uma essência inatingível e normativa – para a pergunta sobre o que faz a cidade. O próprio ser da cidade surge, então, não como um dado mas como um processo,

humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de “fazer cidade” (AGIER 2011: 39).

- 14 Partindo desta perspectiva, da experiência de campo são destacadas categorias nativas, acionadas nos discursos e práticas dos sujeitos para organizar tanto o espaço quanto as práticas. Como nos indica Magnani (2002), a etnografia procura apreender “de perto” como se produz o espaço, identificando os atores envolvidos neste processo, suas experiências, relações e percepções. A proposta neste artigo é pensar estes processos em termos de apropriação, disputas e deslocamentos, envolvidos em jogos de mediação, é uma forma de identificar fronteiras e limites sociais e simbólicos relevantes para os sujeitos envolvidos.
- 15 Como afirma Uriarti (2012) “o trabalho de campo antropológico consiste em estabelecer relações com pessoas”. A complexidade do trabalho de campo etnográfico, segundo a autora, perpassa por problemáticas relacionadas ao método, à formação teórica e à escrita, e complementa:

“(…) fazer etnografia não consiste apenas em “ir a campo”, ou “ceder a palavra aos nativos” ou ter um “espírito etnográfico”. Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o “campo” que queremos pesquisar, um “se jogar de cabeça” no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que pretendemos entender, um “levar a sério” a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e intersubjetiva” (URIARTI 2012: s/p).
- 16 Assim, embora o campo para a pesquisa tenha sido relativamente reduzido àquele preconizado para uma etnografia de longa duração⁶, se vislumbrou utilizar o método etnográfico para sua realização. No decorrer do trabalho de campo a metodologia preconizada, partindo das observações e relatos dos moradores sobre suas experiências, procurou identificar as suas trajetórias e vivências cotidianas. Para isto, utilizaram-se como instrumentos metodológicos, as observações, visitas sistemáticas ao bairro e subsequente relato da experiência em diários de campo. Isto tudo permitiu analisar, tanto no espaço público do bairro quanto no ambiente doméstico dos moradores, detalhes, práticas, apropriações do território, limites e fronteiras. Neste sentido, além de priorizar uma abordagem antropológica, consideramos interessante, como aponta Dmitruk (2009), olhar para os sujeitos sociais que foram marginalizados sistematicamente na história oficial do município, e dar voz às experiências destes “outros”, desenvolvendo o que se denomina história local, próxima ao cotidiano e à cultura.
- 17 Foram realizadas entrevistas, em sua maioria com mulheres⁷, tendo como ponto de partida para os contatos o encontro mensal da Pastoral da Criança, organização que desenvolve no bairro ações beneficentes com as famílias e cuja participação mais comum é das mães e das crianças. O ambiente criado nos encontros da Pastoral favoreceu o estabelecimento de relações com as mulheres, criando uma aproximação inicial que depois foi reforçada através das visitas nas residências. Isso foi fundamental para o estabelecimento de uma confiança, que permitiu maior profundidade nos relatos que muitas vezes tocavam pontos delicados da trajetória de vida das pessoas. Optou-se por realizar entrevistas semiestruturadas⁸, o que permitiu a inclusão de outras perguntas no decorrer da entrevista, dando liberdade para as pessoas contarem sua história de vida, o que nem sempre segue uma cronologia linear.

- 18 O nosso olhar analítico buscou identificar nestes relatos as referências dos moradores a respeito da sua trajetória de vida e seu viver cotidiano, e discuti-los a seguir, organizados em categorias conforme os temas recorrentes e comuns entre os entrevistados. Nestas categorias, reunimos os trechos das transcrições das entrevistas permeadas pelas observações advindas dos diários de campo. Essas categorias são: Trajetórias de vida, Condições fundiária e de moradia, Limites/fronteiras territoriais, e Vivências cotidianas.

Trajetórias de vida

- 19 Para esta abordagem, durante as entrevistas, optamos por estimular as pessoas a narrarem suas histórias de vida, de modo a relatar, especialmente, a construção social dos territórios ocupados ao longo do tempo, ressaltando origem e mudanças.
- 20 Pensar em termos de trajetória, nos remete às reflexões de Bourdieu (1996), para quem os sujeitos narram eventos sucessivos de suas vidas a partir das posições que ocupam dentro de um *campo social*. Ou seja, as pessoas reconstróem suas trajetórias a partir da seleção de eventos não lineares, construídos tanto pelo sujeito, quanto pelos pesquisadores. Neste sentido, toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus* e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos (BOURDIEU 1996).
- 21 A partir disso, em nossas análises, foram importantes os relatos sobre a origem dos moradores e os caminhos percorridos. No contexto da urbanização brasileira, a consolidação das periferias tem relação direta com a migração do campo para a cidade. Embora mais recentemente, este processo se repete nas periferias de Chapecó.
- 22 Muitos dos moradores entrevistados relataram terem vindo do campo, mesmo que durante a infância acompanhando os pais. Quando chegaram em Chapecó, nem sempre se estabeleceram de imediato na região do Bom Pastor. Percebemos a recorrência na mobilidade destes moradores por outras áreas periféricas da cidade e mesmo entre assentamentos vizinhos a este bairro.
- 23 De qualquer forma, é bastante evidente que durante as trajetórias de vida dos moradores entrevistados e de seus ascendentes, a característica de exclusão de seus territórios ocupados na periferia da cidade reforça a dificuldade de se romper com um ciclo de reprodução social da pobreza, que muitas vezes se iniciou ainda no campo, quando cultivavam terras na condição de agregados ou posseiros.
- 24 Essa situação é comprovada por grande parte dos relatos que indicam o campo como ponto de partida de suas trajetórias, e a cidade como seu destino pela expectativa de melhores condições de trabalho e vida. É o caso de Rosa que reclamava das condições do campo: “Nós estudava na colônia, nós não aprendemo nada (...) a gente não tinha tempo para estudar, tinha que trabalhar, não tinha tempo para ir no colégio”.
- 25 Ela acrescenta em seu relato até estabelecer moradia na Vila Betinho:
- Nos morava na colônia, junto com os meus pais, na linha das Palmeiras (...) A mãe e o pai vieram e eu fiquei lá (...) Depois eu e minha irmã viemos para cima. [E a senhora foi morar aonde?] Nós viemos morar junto com eles, meu pai era muito ruim com a minha mãe, ele batia nela, daí a irmã dele tirou ela de lá e alugou a casa para eles morar, mas ele veio junto, só que na cidade é diferente (Rosa).

- 26 Nas trajetórias que analisamos, além da origem comum (o campo), também observamos inúmeras mudanças pelo território, sempre periférico. As sucessivas mobilidades relatam uma história de dificuldades, cujo acesso à terra torna-se apenas um dos problemas.

Eu morei em toda parte. Morava no Rio Grande, daí nos viemos morar para cá, eu morei com a minha mãe lá no Seminário, depois eu fui para Mato Grosso fiquei 7 anos lá e depois voltei. (...) quando meu marido conseguiu arrumar um serviço nós alugamos uma casa no São Pedro, ficamos um tempo lá depois voltamos de novo (Amora).

- 27 Nas entrevistas que analisamos, a trajetória de vida tendo o campo como origem foi bastante comum, mas também, observamos inúmeras mudanças dentro do território urbano, passando invariavelmente por assentamentos irregulares e periféricos. As sucessivas mobilidades revelam uma história de dificuldades cujo acesso à terra torna-se apenas um dos problemas.

- 28 Por um lado, a dificuldade de acesso à terra faz com que as famílias acionem estratégias para a solução dos seus problemas habitacionais, sendo umas das soluções a ocupação das chamadas “áreas verdes”. Por outro lado, o aluguel parece ser uma solução temporária, pois sobrecarrega em demasia a renda familiar: “[Por que vocês saíram do São Pedro?] Lá nos pagava aluguel, (...) De lá nos moramos na rua Pará, onde tinha uma igreja, a gente comprou um pedaço e construímos uma casa e moramos ali, mais ou menos um ano” (Amora).

- 29 As ações históricas de remoção das áreas irregulares próximas para a Vila Betinho proporcionaram o acesso à terra, mas não melhorias com relação às condições de moradia.

Fizemos a casinha de madeira, tinha quatro peças e já tinha banheiro, demos uma melhoradinha na frente já melhorou a situação, por que lá embaixo nos não tinha nada. Aqui nos temos luz e água e daí depois o meu esposo começou a trabalhar e conseguimos comprar uns tijolos para levantar isso aqui, mas até hoje não conseguimos acabar de arrumar ela (Amora).

Condições fundiárias e de moradia

- 30 Procuramos analisar as condições de moradia das pessoas entrevistadas, tanto com relação aos aspectos históricos como aspectos cotidianos. Como a situação de irregularidade ou ilegalidade da posse do lote e da moradia são assuntos delicados para uma abordagem direta, preferimos apreender este conteúdo quando da investigação da sua trajetória de vida. Enquanto relatavam a respeito de temas como a casa, o terreno, lugares por onde passaram, aproveitamos para indagar de quem haviam adquirido e de que forma, se tinham documento comprobatório, se pagavam IPTU, se havia a concessão dos serviços públicos de água e luz ou se contavam com um “auxílio” dos vizinhos para isso.

- 31 A partir da observação, identificamos que em geral as casas são resultado da autoconstrução e da entreatajuda de vizinhos, sendo comum o reaproveitamento de materiais de construção, a utilização de telhas de fibrocimento para cobertura, sem forro interno e a combinação das vedações em madeira e alvenaria. Não raro o resultado das habitações implica na precariedade do espaço interno, com pouca estanqueidade às intempéries:

A nossa casa já descobriu, não tem o forro em cima é tudo papelão [Você lembra quantos anos faz isso?] Foi no ano passado, no inverno passado descobriu, eu

- trabalhava lá em baixo no barracão de reciclagem, quando cheguei em casa tava tudo descoberto, daí os piá arrumam de qualquer jeito (Margarida).
- 32 Quando no caso de sinistros, a situação de precariedade se soma à pouca assistência do poder público, para quem os assentamentos de baixa renda não são prioridade¹⁰.
- [Se acontecer alguma coisa dessas, você acha que pode contar com a secretaria de habitação?] “Nunca, nem pra lona que seja, nos nunca ganhamos uma lona deles, quando nos morava num barraco eles deram as madeiras porque nós não tinha, mas eles cobraram, a minha mãe pagou tudo (Margarida).
- 33 Em termos visuais, a impressão geral das casas da área estudada é de um aspecto inacabado que reflete a dinâmica das constantes extensões (o chamado “puxadinho”), que servem para aumentar o espaço. Esta demanda pelos “puxadinhos” implica numa densa ocupação dos terrenos, que muitas vezes abrigam núcleos familiares distintos, mas geralmente com alguma relação de parentesco.
- Nessa casa eu moro há uns 13 anos. Antes de vir para cá eu morava lá embaixo, na área verde (...) Era ruim por que lá a gente não tinha água, nem luz, tinha que tomar água de poço, pra lavar roupa era um sacrifício também, não era fácil e a gente não tinha luz, era velinhas. A gente fazia as coisas antes da noite, (...) No inverno, esquentava água no fogão pra tomar banho (Amora).
- 34 As pessoas entrevistadas, moradoras da Vila Betinho, foram originalmente realocadas de uma área irregular próxima. Participaram efetivamente do processo que consistiu num mutirão para a construção dos banheiros, financiados por recursos públicos, ficando por conta da família realocada a construção da moradia. A participação nesse mutirão foi remunerada na forma de desconto no pagamento do terreno. Contudo, até hoje permanece uma situação de insegurança por parte desses moradores, que nos relataram não ter recebido qualquer documentação comprobatória da posse do lote.
- faz tanto tempo que nós temo aqui que nós nem carnê não temos, por que se eles [os vizinhos] não terminar de pagar nós não recebemos documento daí assim fica um joga pro outro (Margarida).
- 35 É importante destacar que mesmo entre os entrevistados residentes na Vila Betinho, uma área implementada pelo poder público, nos deparamos com situações de venda e outros tipos de negócios sem o registro cartorial. Conforme vem estudando Abramo (2012) para o contexto de cidades metropolitanas, esta dinâmica do mercado informal é bastante intensa, e a despeito da situação jurídica não regular dos terrenos e casas, revelou-se também comum em nossa pesquisa, seja entre os entrevistados ou quando se referiam aos novos vizinhos que compraram ou alugaram casas.
- 36 A partir dos relatos dos moradores entrevistados e nossas observações em campo, é possível identificar uma realidade de precariedade de moradia, devido às condições financeiras para realizar ampliações ou reformas, fazendo com que as casas permaneçam sempre inacabadas ou improvisadas. Por outro lado, deixar de investir em algo que não lhes pertence no “papel” é uma precaução diante da insegurança jurídica em relação à propriedade dos terrenos. Conforme aborda Gonçalves (2009), isto se deve a precariedade jurídica da posse, que inclusive coloca os moradores em uma situação de ausência dos serviços públicos e sob a ameaça de processos de expulsão.

Limites/fronteiras territoriais

- 37 A periferia torna-se o espaço de destino da população mais pobre. A falta de atenção do poder público torna-se evidente quando esse espaço é conhecido pelo alto índice de

violência, pelo tráfico de drogas e pela insegurança da sociedade que reforça a visão negativa já percebida nos veículos da mídia.

- 38 Entende-se que as relações de moradia estão ligadas com as fronteiras territoriais estabelecidas por dispositivos de distinção que são, muitas vezes, mais simbólicos do que necessariamente materiais. No caso da Vila Betinho, esta imprecisão nas fronteiras é ainda mais conflituosa, pois, os banheiros do assentamento original têm uma parede comum. Essa situação de divisão dos terrenos é comentada por Margarida, que vive com a filha, a mãe e outros seis familiares em uma casa de esquina na Vila Betinho.

(...) se a mãe tem [essa casa] é porque ela sofreu, ela trabalhou para dar pra nós, senão nós não tinha (...) porque nós ganhamo só isso aqui, [o banheiro] e tudo mal feito, porque a fossa é para cada dois vizinhos, se tranca e o vizinho do lado colaborar você arruma e se não colaborar você se estora, nós tava com a nossa trancada (...) quando chovia alagava e daí você puxava e não descia, voltava só a água de fossa, com aquele cheiro horrível (Margarida).

- 39 O programa que viabilizou os terrenos e banheiros para estas famílias foi referência e recebeu prêmios na época. No entanto, houve inúmeros problemas que ainda refletem nas relações familiares e de vizinhança. O problema relatado pela moradora, por exemplo, em haver uma única fossa para cada duas residências explicita um conflito de territorialidade no qual muros ou cercas não dão conta de estabelecer os limites. No relato abaixo Margarida expressa essa situação problemática e sua relação com o vizinho:

(...) eles [os vizinhos] fizeram a fossa em cima, tocou de quebrar, nós pagamos trezentos para a manutenção vim, jogavam as necessidades ao céu aberto, nós fomos na habitação, mandaram nós se virar pra arrumar, até hoje não botaram os pés (...) a habitação não liga para os pobres eles só jogam os pobres, isso é errado o que eles fazem, porque na verdade eles falam: se você vai construir outra fossa ou vai fazer alguma coisa. E te denunciam eles vêm e embargam que já aconteceu de eles embargar e eu já pedi pra mulher se nós podia fazer outra fossa, só nossa, ela disse que não que poderiam até processar nós e daí nos podemos ficar sofrendo com todas essas crianças (Margarida).

Percebemos na fala de Margarida uma grande insatisfação com relação à secretaria de habitação na resolução de problemas. De um modo geral, os moradores não esperam melhorias por parte da prefeitura e a ineficiência do poder público agrava os conflitos de vizinhança no que se refere à gestão de espaços limítrofes, inclusive impedindo como se observa neste relato, que a situação fosse superada por iniciativa de uma das partes.

Além dos limites no nível de vizinhança de lotes, também percebemos nos relatos, referências de distanciamento em relação a outras localidades dentro da mesma região, acentuando divisões, entre o bairro São Pedro e a Vila Betinho que fica no bairro Bom Pastor: “No São Pedro, onde eu morei era lá na baixada, lá era bem mais violento, mas graças a Deus a gente morou lá e nunca teve nada. A gente se dá bem em todo o lugar que vai morar” (Amora).

É interessante observar que, embora as pessoas apontem a violência, fazem o diagnóstico de que “já foi muito pior” e aparentemente convivem com a realidade atual, reconhecendo a existência de crimes, entre eles o tráfico de drogas, mas minimizando a sua importância. Além disso, ainda de forma contraditória, aparece nos relatos a referência de distanciamento quando se referem às pessoas que “vem de fora” para cometer os crimes, e, por outro lado, o envolvimento de pessoas da própria localidade.

Na verdade uns dez, quinze anos atrás era pouco policial, hoje tem bastante, hoje tu vê na esquina, final de semana é oito ou nove, tem bastante, porque ainda tem um meio ligeiros que acabam fazendo os negócios e vem pra cá, de outro bairros, até a noite passam uns correndo. [Vocês conseguem ver se é gente do bairro?] É, mas se a pessoa não quer se estressar, se incomodar, tem que fazer que não viu, que não tá

acontecendo. E a pessoa que vai falar acaba criando confronto com esse pessoal (Lírio).

- 40 Entendemos que é duro reconhecer, na sua própria vizinhança, a existência de pessoas envolvidas com atos ilícitos, uma vez que isto colabora para uma imagem negativa que acaba pesando sobre todos os moradores do bairro.
- 41 Os próprios moradores estabelecem seus limites territoriais e não identificam como um único núcleo o bairro Bom Pastor, sendo estabelecida uma delimitação entre os espaços do bairro São Pedro e da Vila Betinho, sendo que esta última é parte do Bom Pastor. Em alguns casos ocorre a referência de um espaço distante, mas que na realidade é parte integrante desta periferia urbana.
- 42 Os bairros Bom Pastor, São Pedro e a Vila Betinho são áreas identificadas pela concentração de pessoas de baixa renda, e apresentam falta de estrutura, como por exemplo, áreas de lazer. No uso destes equipamentos, também evidenciamos aspectos significativos de limites e territórios, como na fala de Margarida:
- Na verdade nós queria que tivesse um parquinho pras crianças, porque isso eles não têm aqui, daí a gente tem que se deslocar daqui, invadir o pátio dos outros para chegar no parquinho, ali no outro loteamento, tem que entrar no mato e levar as crianças (...) no final de semana é cheio de criança, mas é tudo da Vila Betinho, os pais levam as crianças jogar bola, andar de balanço (Margarida).
- 43 O *parquinho* citado por Margarida está localizado em um loteamento novo vizinho à Vila Betinho. As crianças percorrem uma trilha no mato até chegar ao espaço. Ribeiro (2008) analisa que a divisão social da cidade nunca é absoluta, prevalecendo, mesmo no interior dos espaços dominados pelas classes superiores, territórios populares gerando proximidades geográficas de grupos inseridos em posições opostas no espaço social.
- 44 Como o novo loteamento destinado a classe média ainda está bastante rarefeito de moradores, o uso efetivo do espaço público é feito pelas crianças da Vila Betinho, contudo, com a compreensão de que ultrapassam um limite. Mesmo que seja um espaço público, acreditamos que no futuro a territorialidade deste *parquinho* seja melhor determinada pelos moradores do novo loteamento, acentuando a fronteira, ainda que simbólica com a vizinha Vila Betinho.

Vivências cotidianas

- 45 O cotidiano envolve as questões rotineiras, acontecimentos diários da vida e os significados que as pessoas vão lhe atribuindo por meio de práticas e comportamentos. Destacamos as características da vivência dos moradores que formam o mosaico da periferia urbana estudada.
- 46 Partindo das proposições de Certeau (1994) que analisa o social a partir das formas de fazer dos usuários no espaço urbano, a proposta da pesquisa foi tomar o bairro Bom Pastor como um campo de práticas, estas entendidas como justaposições entre as dimensões qualitativamente heterogêneas de espaço e tempo.
- 47 A partir de observações e relatos, a rotina, as concepções, o olhar sobre o bairro e as histórias são apresentadas a partir da perspectiva dos moradores em seu ambiente. Do ponto de vista metodológico, em nossa pesquisa, foi no diário de campo que a contribuição deste autor se tornou mais nítida. Abaixo registramos a narrativa redigida por uma das pesquisadoras pondo em destaque o detalhamento da observação na cena das entrevistas no que se refere às vivências cotidianas:

Nas mãos algumas têm marcas da vida, do amor e da adolescência, mas são essas marcas que Liz quer apagar e durante toda a entrevista tenta esconder. Observamos atentamente e em cada dedo das mãos ela tem as letras do nome do filho. Liz é uma mulher jovem, tem 22 anos e há 13 mora na Vila Betinho. Tem dois filhos e nos conta sobre sua vida cheia de histórias. O antigo namorado está preso: roubo e tráfico de drogas. Liz já foi presa, mas como ela mesma diz, o nascimento dos filhos foi a grande esperança que mudou a vida da ex-dependente química que usou drogas até os últimos meses de gestação do filho e se admira que nasceu sem nenhuma sequela (Diário de campo de Izabel A. Guzzon).

- 48 Também na fala de Liz podemos identificar o quanto o cotidiano dos moradores do bairro é afetado pelo contexto violento. Este ultrapassa o espaço público e entra no espaço doméstico revelando-se nas histórias de vida das entrevistadas em episódios que retratam abusos e violências físicas, num contexto em que a estrutura familiar é muito dinâmica no que se refere a vínculos conjugais e parentais. Muitas das mulheres entrevistadas são vítimas de abusos, já foram ameaçadas, agredidas pelo marido. Tem a responsabilidade de um lar, filhos e são a figura mais importante da família, mesmo estando à sombra da figura masculina, que em alguns casos é sinônimo de medo, de subordinação e de mandos e desmandos.
- 49 Se no espaço doméstico a violência é conjugal, os relatos sobre as relações violentas no bairro reforçam as problemáticas sociais vivenciadas pelos moradores, envolvendo, sobretudo tráfico de drogas e homicídios.
- Antigamente era bem mais violento. Uma época de uns quatro cinco anos atrás, aqui era bem violento (...) eu lembro, foi para Natal de 2005, mataram dois só aqui, no mesmo dia, um saiu do enterro, outro entrou. Agora eu não tenho medo, é tranquilo, mas no começo eu tive um pouco de medo (Amora).
- 50 Podemos aqui ressaltar que, enquanto pesquisadores, experimentamos em campo este cotidiano violento: em uma de nossas visitas presenciamos a descoberta de um corpo, um homem que havia sido assassinado na noite anterior. De todo o contexto observado neste evento, nos chamaram a atenção as repetidas falas de que o sujeito não era dali, reforçando os laços de pertencimento do lugar em contraposição ao estranhamento com a vítima, e no tempo que se seguiu, nos impressionou o silêncio e o fato de que ninguém havia visto nada durante a noite.
- 51 Ao analisar estes fatos, podemos perceber que, conforme nos mostra Mayol (1996) o bairro enquanto um lugar social induz aos seus moradores um comportamento prático que permite relações de reconhecimento, pois:
- A prática do bairro é uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos seus usuários através dos códigos de linguagem e de comportamento. Toda submissão a estes códigos, bem como toda transgressão, constitui imediatamente objeto de comentários [...] (Mayol 1996: 47).
- 52 No caso do Bairro Bom Pastor, as entrevistas em geral permitem perceber esta “convenção coletiva”, que se expressa no silêncio a respeito do envolvimento dos vizinhos em atitudes ligadas a criminalidade, sendo que todos sabem quem são os envolvidos, mas por uma questão de proteção evitam identificá-los. Ilustra também este comportamento o episódio em que presenciamos a cena deste homicídio, em que os moradores diziam não conhecer a vítima e não tomavam iniciativa de chamar a polícia, claramente uma atitude de proteção. Na mesma ocasião, observamos que na esquina mais próxima, a câmera pública de monitoramento, que poderia ter registrado a cena, já havia sido, em outro momento, alvejada por um tiro. Ao indagar o morador da casa vizinha à câmera, este embora tenha percebido o fato, diz não ter visto quem foi.

- 53 Mas não apenas de episódios envolvendo a violência é composto o retrato cotidiano do bairro. As atividades de consumo e sociabilidade também merecem ser destacadas. Como afirma Mayol (1996: 46): “O bairro se define como uma organização coletiva de trajetórias individuais; é a distribuição, para seus usuários, de ‘lugares de proximidade’ nos quais se encontram necessariamente para satisfazer suas necessidades cotidianas”. Os moradores do bairro Bom Pastor e das áreas próximas contam com pequenos mercados para fazer as compras. Nestes estabelecimentos a relação de confiança permite que possam comprar “fiado” (marcar para pagar ao final do mês) ou mesmo acertar aos poucos suas dívidas, quando necessário.
- 54 Outro tipo de comércio muito presente no bairro são os vendedores ambulantes, principalmente de roupas e alimentos. No caso das roupas, normalmente estes repassam para moradoras que revendem recebendo uma comissão. Os perecíveis são vendidos em carros que vão passando pela rua, e no caso das frutas e verduras, observamos que são “sobras” adquiridas a preços menores para serem ali revendidas. Nestes casos o prazo para “acerto” também é negociável. A este respeito, tornam-se importantes as reflexões apontadas por Castells e Guimarães (2007) que ao desenvolverem um estudo antropológico sobre o lugar do comércio no bairro, ressaltam que para além das motivações econômicas os sujeitos também acionam relações de reconhecimento, confiança e sociabilidade. Portanto, ainda que pese sobre o bairro e seus moradores as implicações de um contexto violento, também podemos observar relações que se estabelecem de modo natural, pois:
- O bairro, desse modo, não é apenas uma demarcação territorial que divide a cidade (...) mas, antes de tudo, o bairro é a própria constituição de uma cidade, onde os moradores que nele habitam se identificam, se sociabilizam, criam laços afetivos e sentimentos de pertencimento. (ALMEIDA 2011: s/p)
- 55 Estes laços afetivos podem ser devido a vínculos familiares ou de convivência e que ajudam a superar os problemas do bairro:
- “Eu, pelo menos com as pessoas que converso são todas legais, tem o meu vizinho aqui (...) um senhor que mora sozinho, mas ele é legal não incomoda, tem essa daqui que é minha comadre também, tem a outra ali da frente que somos igual parente, porque uma época a filha dela era casada com o meu sobrinho, a gente se dá super bem, esse aqui dos fundos é ex-sogro da minha menina que é avô do nenê” (Amora).

Considerações finais

- 56 A realidade social do Bairro Bom Pastor é revelada nesta pesquisa, sobretudo pelos sujeitos que fazem parte daquele espaço. As atividades de campo contribuíram para estabelecer vínculos com os moradores, o que permitiu uma relação entre os pesquisadores e entrevistados que deu alcance maior aos instrumentos de pesquisa. A pesquisa também permitiu identificar detalhes, atitudes, problemas e características da vivência e das relações entre os moradores.
- 57 Se a escolha da Vila Betinho foi justificada entre as demais periferias da cidade por sua particularidade na forma de constituição, contudo, ficou evidente, que há conexões com as demais periferias, especialmente no que se refere à trajetória de vida dos moradores.
- 58 A visão negativa do bairro e entorno, difundida na mídia, tem repercussão no cotidiano da população local, que procura através de limites simbólicos diminuir o peso deste estigma

em uma espécie de “inconsciente coletivo” no qual o silêncio e negação da criminalidade são como que mecanismos de defesa em seu próprio território.

- 59 O histórico de abandono do poder público em termos de regularização fundiária e urbanística implica no agravamento de conflitos socioespaciais, que se manifestam em diversas escalas neste território, mas cuja maior implicação é a qualidade habitacional, bem como do assentamento, precarizado pela falta de investimentos públicos.
- 60 Contudo, a população se serve de mecanismos para a reprodução social que envolvem a superação dos conflitos domésticos e sociais, intensificados pelo baixo nível de renda, incluindo-se em circuitos de consumo até mesmo do solo urbano, e confirmam vínculos de pertencimento com o bairro, ainda que permaneça uma tensão quando se trata de dissociar seu cotidiano do estereótipo predominante de periferia violenta e pobre.
- 61 Conforme demonstramos neste artigo, a dinâmica que se evidencia no bairro envolve intensas trocas entre seus moradores. As ruas são continuamente preenchidas por relações, são crianças brincando, vizinhos se visitando ou tomando um chimarrão em frente as suas casas. Os problemas existem, e nos foram relatados, mas também referenciam a experiência positiva de viver em um bairro em que conhecem a todos e partilham laços intensos, laços de sociabilidade.

BIBLIOGRAPHY

ABRAMO, Pedro. 2012. “La ciudad com-fusa: mercado y producción de la estructura urbana en las grandes metropolis latinoamericanas”. *EURE* v. 38: 43-59.

ALBA, Rosa S. 2002. Espaço Urbano: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos.

AGIER, Michel. 2011. Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

ALMEIDA, Alexandre Paz. 2011. “Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa/PB”. *Ponto Urbe* [online], v. 9. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/287>>

ÁVILA, Milene P. 2006. “Periferia é periferia em qualquer lugar?” *Antenor Garcia: estudo de uma Periferia Interiorana*. São Carlos: Dissertação de Mestrado, UFSCar. Disponível em: <http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2006-05-05T09:45:02Z-987/Publico/DissMPA.pdf>.

BOURDIEU, Pierre. 1996. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.

CASTELLS, Alicia. N. G. ; GUIMARÃES, Ana. C. R. . 2007. “Pinceladas sobre as práticas comerciais em um bairro popular em Florianópolis”. *Cuadernos de Antropología Social* v. 26: 69-86.

CERTEAU, Michel. 1994. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

DMITRUK, Hilda B. 2009. “Gente da terra: percursos teóricos e experiência”. *Cadernos do CEOM* v. 31: 411-431.

- GONÇALVES, Rafael. S. 2009. "Repensar a regularização fundiária como política de integração socioespacial". *Estudos Avançados* v. 66: 237-250.
- MATIELLO, Alexandre M; VILLELA, Ana L. V.; FUJITA, Camila; ANSCHAU, Cleusa T.; OTSUSCHI, Cristina; RIGON, Matheus J.; ALBA, Rosa S. 2013. Reestruturação urbana em Chapecó-SC, conformação socioespacial e seu novo papel como cidade média. 2013. IV Fórum Integrado de ensino, pesquisa e extensão da ACAFE. Chapecó, 2013. Anais... Chapecó : Argos, 2013.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. "Etnografia como prática e experiência". *Horizontes Antropológicos* [online], vol.15, n.32: 129-156. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>> .
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 17, n. 49.
- MAYOL, Pierre. 1996. "Primeira parte: Morar". In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, pp. 37-185.
- MONTEIRO, Ricardo R. 2006. *Habitação e integração urbana: um estudo de caso em programas habitacionais no município de Chapecó-SC*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, UFSC. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PECV0414.pdf>>.
- PAIM, Elison A. 2006. "Aspectos da constituição histórica da região oeste de Santa Catarina". *Sæculum - Revista de História* v. 14: 121-138.
- RECHE, Daniella. 2008. *Leis e planos urbanos na produção da cidade: o caso de Chapecó, SC*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, UFSC Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGAU0014-D.pdf>>.
- RENK, Arlene A. 1997. *A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense*. Chapecó: Grifos.
- RIBEIRO, Luiz C. Q. 2008. "Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano". *VeraCidade*, v. 7: 113-127. Disponível em: <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v3/images/veracidade/pdf/artigo9.pdf>>.
- RODRIGUES, Arlete M. 2008. "O espaço urbano e as Estratégias de Planejamento da Cidade". In: Elson Manoel Pereira (org.), *Planejamento Urbano no Brasil - Conceitos, Diálogos e Práticas*. Chapecó: Argos - Unochapecó. pp. 111-126.
- SÉKULA, Ricardo. J. Os discursos sobre o bairro São Pedro nos três principais jornais impressos de Chapecó. Regiocom - X Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2005, Chapecó - SC. X Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (GT5) Anais... 2005.
- URIARTE, U. M. 2012. "O que é fazer etnografia para os antropólogos". *Ponto Urbe* [online] v. 11. Disponível em: < http://www.pontourbe.net/edicao11-artigos/248-o-que-e-fazer-etnografia-para-os-antropologos#_ftn1>.
- VILLELA, Ana. L. V. 2007. "Colonização, cultura e território: o caso de Chapecó/SC". *Cadernos do CEOM* v. 20, n. 27: 159-185.

NOTES

1. Segundo dados do IBGE (2010), a renda média mensal dos moradores do Bairro Bom Pastor é a mais baixa do município (R\$ 350,00), seguido pelo bairro vizinho São Pedro, cuja renda média mensal é de R\$ 510,00, a segunda faixa mais baixa.

2. Para melhor análise da trajetória e consolidação da malha urbana de Chapecó ver Villela (2007).
 3. Conforme Renk (1997) os moradores autóctones, indígenas e caboclos, foram expropriados de suas terras, tendo-lhes sido retiradas as possibilidades de manutenção do modo de vida tradicional, e o que lhes restou foi ocupar as margens da cidade, onde passaram a morar por falta de opções ou compulsoriamente. São principalmente os descendentes desses sujeitos caboclos e indígenas expropriados das terras e migrantes oriundos do processo de êxodo rural que ocupam as periferias chapecoenses.
 4. O loteamento Vila Betinho foi criado a partir de um processo de relocação de famílias residentes em uma área de preservação, as quais se encontravam em condições sanitárias muito precárias. Este projeto da Prefeitura Municipal foi premiado pela Caixa Econômica Federal, tendo concedido um lote para cada família e uma unidade sanitária (banheiro). Conhecido como “kit sanitário” os banheiros para dois lotes eram geminados por uma parede, sendo construídos em regime de mutirão.
 5. Esta pesquisa realizou um levantamento hemerográfico em um período recente das publicações nos principais jornais da cidade, a qual revelou, preponderantemente, a menção ao bairro Bom Pastor e suas adjacências em notícias relacionadas à violência e criminalidade, comparativamente a outros assuntos cotidianos.
 6. A pesquisa de campo foi realizada no período de agosto de 2012 a agosto de 2013.
 7. Os relatos no artigo preservam as falas das entrevistadas, mas os nomes foram alterados de forma a preservar sua identidade.
 8. Todas as entrevistas foram gravadas, com autorização dos participantes da pesquisa, para posterior transcrição e análise das informações.
 9. A área verde citada em algumas entrevistas é um terreno público localizado no Bairro Maria Goretti. Algumas famílias que moram até hoje na Vila Betinho são originárias deste assentamento, onde as condições de vida eram precárias, sem energia elétrica, água e esgoto, e as habitações eram “barracos” de lona. Ocupações irregulares se repetem ao longo dos anos nesta área verde sem uso, sendo mais recente, a remoção de famílias dali para um conjunto habitacional construído com os recursos do Programa Minha Casa, Minha Vida.
 10. No que se refere ao reassentamento da Vila Betinho, a Secretária de Habitação de Chapecó nos relatou em entrevista (Tatiane Cristine Bodigheimer em fevereiro de 2013) que a prioridade na época da relocação foi a questão física e não jurídica. Contudo, por diversas gestões municipais esta situação ficou pendente na pasta da Habitação e atualmente o Executivo Municipal sofre ações do Ministério Público para definitiva regularização, o que poderá dar enfim uma segurança jurídica para os moradores.
-

ABSTRACTS

Este artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada na Vila Betinho, bairro Bom Pastor, na cidade de Chapecó/SC. Pesa para a escolha deste local como foco do estudo o estereótipo difundido na mídia a respeito do contexto de violência no local e sua visível condição de precariedade social. Partindo de relatos de seus moradores obtidos por meio de entrevistas, dá-se ênfase às suas experiências, costumes, usos e percepções em relação ao espaço em que vivem e à cidade. A partir da análise dos dados de campo, foram estabelecidas categorias para melhor ilustrar o bairro, como as trajetórias de vida, as condições fundiárias e de moradia, os limites e

fronteiras territoriais e aspectos do cotidiano. Damos destaque a alguns aspectos observados como a mobilidade dos moradores entre as periferias da cidade, a dinâmica do assentamento, a falta de segurança jurídica como empecilho para a melhoria da qualidade de vida, a utilização de mecanismos simbólicos para resolução de conflitos territoriais e as estratégias de superação do contexto de criminalidade e pobreza do bairro.

Starting from the urban ethnography, this research proposes to investigate the periphery of Chapecó, SC, more particularly, the Vila Betinho, which is located on the neighborhood of Bom Pastor. The influence's choice about the widespread stereotype in the media related to the context of workplace violence. Support to the report told in interviews of residents about their experiences, customs, habits and perceptions in relation to the space in which they live and the city, and record in field diaries, it were established categories to better illustrate the neighborhood, as the paths of life, land and housing conditions, their limits, boundaries and territorial aspects of everyday life. We highlight some aspects observed, as of the mobility for residents between the city's suburbs to the settlement's dynamics, the lack of legal certainty as a hindrance to improving the quality of life, the use of symbolic mechanisms for resolving conflicts and territorial strategies of overcoming the context of crime and poverty that serve the population of the neighborhood.

INDEX

Palavras-chave: Periferia, Etnografia Urbana, Trajetórias de vida, Bairro Bom Pastor

Keywords: Periphery, Urban Ethnography, Paths of life, Chapecó, Neighborhood Bom Pastor

AUTHORS

IZABEL A. GUZZON

Acadêmica do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, Unochapecó.

CAMILA S. ANTUNES

Antropóloga, doutoranda em antropologia social e professora da Unochapecó. Endereço institucional: Av. Senador Atílio Fontana, 591-E, Efapi - Cep: 89809-000 - Chapecó, SC - Brasil. E-mail: camilasissa@unochapeco.edu.br

ALEXANDRE M. MATIELLO

Arquiteto e urbanista, mestre em sociologia política e professor da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó). Endereço institucional: Avenida Fernando Machado - E - 108 Centro. CEP: 89802110 - Chapecó, SC - Brasil. E-mail: alexandre.matiello@uffs.edu.br